

HISTORIOGRAFIA DAS EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS E EXPLORATÓRIAS

NO VALE DO RIO BRANCO

(Primeira Aproximação)

REINALDO IMBROZIO BARBOSA ⁽¹⁾

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
Coordenação de Pesquisas em Ecologia
Coordenadoria Técnica e Administrativa do
Convênio INPA/GERR
Caixa Postal 96
69301-970 Boa Vista/Roraima

tel/fax: 55-095-623 6118

EFREM JORGE GONDIM FERREIRA ⁽²⁾

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
Coordenação de Pesquisas em Biologia Aquática
Caixa Postal 478
69011-970 Manaus/Amazonas

tel: 55-092-643 3234

(1) Reinaldo Imbrozio Barbosa é pesquisador do INPA, Mestre e Doutorando em Ecologia Tropical. Sua área de interesse são os impactos ambientais decorrentes do aumento da atividade humana na região Amazônica..

(2) Efrem Jorge G. Ferreira é pesquisador do INPA, Doutor em Biologia de Água Doce. Sua área de interesse é a ecologia de peixes. Em Roraima participou de diferentes levantamentos ictiofaunísticos nas áreas dos rios Mucajaí, Branco e Uraricoera.

Introdução

O aparecimento de registros históricos de diversas expedições científicas e exploratórias na região do Vale do Rio Branco, hoje Roraima, está ligado diretamente à conquista do rio Negro pelos portugueses no século XVII. Embora ainda com pontos obscuros dentro de alguns intervalos de tempo, a visão sequenciada dos relatos revela diferentes interesses sobre a região em função da época e da situação política global de quando foram documentados. Dependendo do momento, os interesses podiam variar de puramente científicos até comerciais e demarcatórios entre as nações européias que dividiam este espaço do Novo Mundo localizado na região Amazônica (norte da América do Sul), denominado como região das Guianas.

Além da disputa territorial entre portugueses, espanhóis, franceses, holandeses e ingleses, somava-se à fértil imaginação do período colonial que acreditava que no interior destas terras encontrava-se o lendário "Lago Parima" ou "Eldorado", com suas grandes riquezas. Com isto, acelerou-se o tráfego de expedições de caráter econômico ou de reconhecimento por toda essa região que forneceu diferentes tipos de documentários, com visões dos acontecimentos e descrições dos povos locais sempre variando em função do observador. Do ponto de vista estritamente científico, nem todos estes relatos tiveram contribuição significativa (devido a dispersão dos resultados). Entretanto, o conjunto das obras fornece uma razoável remontagem de fatos históricos importantes que marcaram a região, além de fornecer pistas sobre a dimensão das ações políticas de ocupação territorial adotadas para o Vale do Rio Branco.

As diversas expedições fornecem um banco de dados de grande importância histórica sobre o ambiente e as sociedades indígenas de onde hoje se situa Roraima. A montagem de um cenário passado, mais realístico para esta região, pode ser considerado novo para a maioria da população local, mesmo que recentes trabalhos venham destacando mais a memória do atual Estado (ver BARBOSA, 1993a, 1993b; FARAGE, 1991; SANTILLI, 1989; SILVEIRA & GATTI, 1988). Uma parte dos registros ainda pode estar disperso no tempo e no espaço mas, o que mais chama a atenção, é a distância cultural que por vezes impede a visualização da importância do resgate destes relatos e, a sua discussão crítica diante da sociedade local como parte de um processo histórico-cultural para formação de um povo. São informações que além de descreverem a geografia e a economia, abordam com impressionante riqueza de conteúdo os aspectos sociais e antropológicos e, a fauna e a flora de toda uma região. Não há como negar que estes registros fazem parte de uma infra-estrutura necessária para que planejadores e tomadores de decisão imaginem a questão do desenvolvimento regional não só pelo aspecto político, mas também pelo respeito ao ambiente e às diferenças culturais. Neste sentido, nosso objetivo foi o de recuperar e remontar, através dos relatos de diversos viajantes que passaram por esta região, todo um cenário sócio, econômico, político e ambiental do Estado de Roraima, intensionando ampliar o conhecimento dos processos de formação histórico-cultural e de ocupação humana que influenciam até hoje nos diferentes caminhos seguidos para o desenvolvimento regional.

Método de Trabalho

Para realizar o levantamento das principais expedições e seus

personagens na região do Vale do Rio Branco, resgatamos documentos e verificamos diferentes fontes bibliográficas a partir do século XVII até o final da década de 1960. Deste período em diante, consideramos que os meios de transporte e comunicação começaram a se consolidar em Roraima, permitindo facilidades que os antigos naturalistas e exploradores não possuíam, finalizando então o resgate documental. Com isto em mente, dividimos o levantamento em três grandes blocos da História do Brasil: Colônia, Império e República. Acreditamos que cada uma destas fases representou um ideal político, científico e exploratório diferente dentro dos cenários nacional e internacional. Sua interconexão, a partir dos objetivos primários de cada uma das incursões à região, deve permitir uma visão global dos acontecimentos passados sem, contudo, objetivar fazer um relato biográfico dos exploradores e naturalistas que passaram por Roraima; mesmo porque, o trabalho seria extremamente longo e necessitaria de extensa complementação.

Para finalizar, enfatizamos que tentamos rarear as citações dentro do trabalho para evitar extremo formalismo na leitura, e longas listas de fontes que se multiplicariam por todo o texto. Entretanto, no item Bibliografia, o leitor interessado em maiores detalhes pode facilmente encontrar apoio literário para todos os eventos aqui relatados.

Histórico das Expedições

Brasil Colônia

Este foi um período de vários intervalos obscuros devido à distância do tempo em que as informações foram transcorrendo. O certo é que as expedições que adentraram pelo rio Branco nesta época estavam, na maioria das vezes, ligadas à conquista portuguesa da região do rio Negro. Foi um período de início da cicatrização das fronteiras européias na América do Sul.

Mesmo estabelecendo bases pouco seguras para seu total domínio, os portugueses mantiveram um fluxo relativamente regular por esta região procurando, não só expandir, mas também garantir o território já conquistado. Em sua maioria, as expedições interessavam-se pela manutenção das fronteiras já conquistadas através do estabelecimento de militares e raros funcionários coloniais ou, na expansão das relações comerciais. Nesta época, a mercadoria mais cobiçada, juntamente com as drogas do sertão era a de indígenas. Estes eram comercializados através das "tropas de resgate" que realizavam o descimento dos índios para comercializá-los em Belém ou com outras nações vizinhas. Grande parte das populações indígenas sofreu perdas significativas, tanto pelo aprisionamento como pelo vigor das doenças trazidas pelos exploradores, como varíola, gripe, irritações de pele, etc.

Do ponto de vista científico, apenas a expedição do naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, em 1786, é destacada. Vale ressaltar, porém, que mesmo com grande espírito pela descoberta do novo, Ferreira foi impulsionado por um convite do Governo Colonial Português que queria conhecer o potencial econômico desta terra. Além disto, possuía como segunda missão avaliar a situação dos aldeamentos indígenas no Branco que, recentemente, haviam sido abalados por um levante dos índios que se revoltaram com a forma de tratamento dos portugueses. Todo material coletado na extensa viagem de Ferreira pela Amazônia, inclusive as notas de campo, foram depositadas no Real Museu de Lisboa, sendo confiscado em seguida por Napoleão Bonaparte quando da invasão

francesa à Portugal em 1808. A maior parte de seu material está conservado atualmente em Paris, no "Museum National d'Histoire Naturelle".

Primeiras Expedições

Pedro Teixeira/Cristobal de Acuña (1639/40)

Existe uma constante especulação em diversos documentos de que Pedro Teixeira tenha sido oficialmente o primeiro europeu a subir o Branco. Em seu relato de viagem, escrito pelo Padre Cristobal de Acuña, existe uma descrição geográfica e um mapa que indica a localização do Branco¹. Entretanto, não há menções específicas ao rio. É provável que ao passar por sua foz, quando de sua exploração pelo Negro, uma parte da tropa de Teixeira tenha se interessado em adentrá-lo à procura de algum potencial da região, como por exemplo índios. Contudo, não há documentação segura que comprove este fato.

Francisco Ferreira e Jerônimo Coelho (1705 a 1730)

O primeiro, explorador e comerciante e, o segundo, frei carmelitano. Ambos promoveram o comércio de drogas do sertão e realizaram diversos descimentos de índios na região do Branco por quase três décadas. Faziam uma espécie de circuito empresarial entre o Branco e parte do Negro com o restante da Capitania. Além disto, intensificaram o comércio com os vizinhos holandeses. Fora da história oficial, estes são os prováveis primeiros exploradores do rio Branco amparados por documentação comprobatória.

Diogo Rodrigues Pereira e Faustino Ferreira Mendes (1718/19)

Exploradores que tomam para si o feito de serem os primeiros a desbravarem o rio Branco por toda a sua extensão. O primeiro era Capitão do Forte do Rio Negro e o segundo seu ajudante. Sua intenção provável era a de fazer o descimento de índios, prática comum desta época. Não encontramos documentos que comprovem que tenham explorado o Branco antes de F. Ferreira e J. Coelho.

Cristovão Ayres Botelho (1736)

Explorador-comerciante interessado no descimento de índios. Junto com o "principal" Donaire, realizou em 1736 uma das maiores descidas no Branco que se teve notícia na Capitania. Aprisionou dezenas de indígenas para venda e troca em Belém.

Lourenço Belfort (1740)

Também comerciante de escravos indígenas, formou uma grande tropa com Francisco Ferreira em 1740. Juntos, subiram o Branco e o Uraricoera para aprisionar cerca de 1.000 índios. Segundo Francisco Xavier Ribeiro Sampaio (1777), foi o maior aprisionamento da região, sendo lembrado por anos seguidos entre os indígenas locais.

Nicholas Horstman (1741)

¹ Segundo comenta o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira em suas notas de viagem, o rio Branco, à época das primeiras incursões em suas águas, era denominado como *Queceuene* pelos indígenas locais (provavelmente Paravianas ou grupos próximos).

Explorador holandês, especializado em mineralogia, que fez o percurso pela região do Rupununi até o rio Branco à procura do "Lago Parima". Horstman foi preso e interrogado pelo governo provincial. Das notícias mais preocupantes para os portugueses, estava aquela que anunciava o trânsito de espanhóis pelo Tacutu e Uraricoera. Parte das informações de Horstman, ajudaram a Charles de La Condamine a organizar um dos melhores mapas do interior das Américas para a época.

José Miguel Ayres (1748)

Fez a última entrada oficialmente reconhecida para descimento de índios no rio Branco.

José Agostinho Diniz (data incerta; 1750-60)

Alferes da Coroa Portuguesa que adentrou pelos rios Branco, Uraricoera, Tacutu e Maú, para comprovar o relacionamento mais estreito entre os índios locais e outros grupos europeus (holandeses e espanhóis). Os portugueses estavam certos quanto a esta hipótese.

Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1777)

Ouvidor da Capitania do rio Negro, fez um relato dos antecedentes históricos do descobrimento do rio Branco apresentando boa visão geo-política. Sua intenção era descredenciar os espanhóis que anos antes tentaram estabelecer bases no Vale do Rio Branco (1774). Em sua apreciação, deu como esta a causa principal da construção do Forte São Joaquim em 1775, na confluência dos rios Tacutu e Uraricoera, pelo Capitão Phillippe Sturn - alemão à serviço da Coroa Portuguesa. Sampaio, definindo-se como um "curioso", descreveu parte dos costumes dos índios, a fauna, a flora e a mineralogia da região. Deu detalhes que, apesar dos limitados conhecimentos, podem ser considerados razoáveis para a época.

Ricardo Franco de A. Serra e Antônio Pires da S. Pontes (1781)

O primeiro, Capitão Engenheiro e, o segundo Matemático, ambos à serviço da Coroa Portuguesa. Receberam a incumbência do governo provincial de avaliar e se provider de informações sobre as fronteiras com os espanhóis e holandeses. Juntos, armazenaram informações geográficas de extrema riqueza sobre toda esta região fronteiriça.

Alexandre Rodrigues Ferreira (1786)

Naturalista brasileiro, oficialmente designado pelo governo português para avaliar o potencial econômico das terras que abrangiam o Vale do Rio Branco. Seu objetivo também era o de descrever a situação em que se encontravam os aldeamentos indígenas; poucos anos antes um levante de índios fez regredir o então sistema de ocupação portuguesa que, por sua vez, estava tentando se reconsolidar (AMOROSO & FARAGE, 1994:75). Fez reconhecimentos nos rios Branco, Uraricoera, Tacutu, Surumu, Maú e Pirara, além de curtas excursões por localidades próximas a estes rios. Descreveu uma grande coleção faunística e florística desta região que, em parte, foi perdida devido a invasão francesa à Portugal em 1808. Também possui documentação sobre os usos e costumes dos indígenas locais, além de excelente material iconográfico do Forte São Joaquim (Fig. 1) e dos aldeamentos (diretórios de índios) espalhados pelo rio Branco (Fig. 2).

Manoel da Gama Lobo D'Almada (1787)

Então governador da Província do Rio Negro, D'Almada fez um relato geográfico de grande parte da região, percorrendo os principais afluentes do rio Branco. Era mais uma tentativa de consolidar a posse portuguesa em terras limítrofes com outras nações européias. D'Almada também fez um rico relato sobre os produtos naturais da região e da população indígena que se encontrava aldeada nos diretórios idealizados pelo governo português como forma propiciar o papel de polícia na área.

Francisco J. R. Barata (1798)

Porta-bandeiras e militar à serviço do Governador das Capitanias do Pará e Rio Negro (Francisco de Souza Coutinho). Fez diligências, inspecionou e reconheceu parte das divisas com o Suriname; uma região de posse dos holandeses que, mais tarde, foi perdida para os ingleses em uma disputa territorial.

Brasil Império

Período extremamente rico no que diz respeito à formação de coleções zoo-botânicas na Amazônia, embora ressalve-se que a maioria dos conjuntos tenha fluído para outros países. A região do rio Branco não ficou fora do circuito das grandes expedições científicas nesta fase. Entretanto, o estigma de fronteira continuava a conceder-lhe "status" de região problema do ponto de vista da delimitação dos domínios.

Dentre as expedições destacam-se a dos naturalistas Natterer, Barbosa Rodrigues e Spruce. Além destas, também podem ser citadas a Expedição Thayer, liderada por Agassiz (ele não participou da incursão ao rio Branco) e a de Coudreau, geógrafo francês que percorreu parte desta região à serviço do Ministério da Marinha e das Colônias da França. Vale também lembrar que nas anotações de Wallace, naturalista inglês e companheiro de Bates e Darwin, existem vários trechos em que o rio Branco é citado e até exaltado. Foi quando de sua passagem pelo Negro. Entretanto, não conseguimos nenhum registro oficial de sua entrada por este rio ou algum de seus afluentes.

Neste período também se dá o início de expedições patrocinadas pelo governo inglês no sentido de avaliar não só o potencial da área como também o de proporcionar base contestatória para uma reivindicação territorial na região do rio Pirara, no nordeste de Roraima. Embora outras incursões tenham ocorrido tomando-se como ponto de partida rio Rupununi (Charles Waterton em 1812; Gullifer & Smith em 1828; Adam de Bauwe em 1834), as mais importantes foram a dos irmãos Schomburgk, que entre 1838-42 realizaram expedições por vários pontos fronteiriços entre a Guiana Britânica e o Brasil. Embora tivessem contribuído com um farto material faunístico e florístico, em parte depositado no "Museum für Naturkunde der Universität Humboldt" (Berlim), suas descrições geográficas acabaram suportando e sendo base para a decisão final sobre a disputa territorial entre Brasil e Inglaterra, conhecida como a "Questão do Pirara". O árbitro internacional da questão, o Rei da Itália Victor Emanuel III, decidiu em 1904 que aproximadamente 20.000 km² deveriam ser incorporados à Guiana Britânica devido a indícios de ocupação por aquela nação antes dos portugueses (e brasileiros). Em seguida a Inglaterra fez algumas concessões à Itália em terras africanas.

O Crescimento das Expedições Naturalistas

Charles Waterton (1812)

Explorador inglês, trilhou pelos rios Demerara, Essequibo e Branco no intuito de obter o "curare" (*wourali*, como chamava). Em suas quatro expedições ao Brasil (três na região da Guiana Britânica), Waterton, mesmo não sendo naturalista nato, se aventurou a observar e descrever pássaros e outros animais dos trópicos com grande destreza.

Johann Natterer (1831/32)

Naturalista austríaco que percorreu o rio Branco desde sua foz até a confluência dos rios Uraricoera e Tacutu, por onde alcançou o Cotingo e o Maú. Foram cerca de 10 meses de intensa atividade de campo que forneceram registros principalmente sobre a avifauna, a entomofauna e a ictiofauna do vale do rio Branco. Só de insetos Natterer contabilizou mais de 30.000 exemplares. De aves, foram 157 espécies. Seu material foi depositado no "Naturhistorisches Museum" de Viena.

Robert Schomburgk (1839)

Naturalista e explorador alemão. Além de percorrer grande parte da então Guiana Britânica, fez coleções de fauna e flora nos rios Maú, Surumu, Unamara, Tacutu e proximidades do Monte Roraima. Do ponto de vista da ciência, seus relatos são de extremo valor para a geografia física e a ocupação humana de praticamente toda a região norte e nordeste de Roraima. Do ponto de vista político, suas descrições ajudaram a dar base para a decisão final de uma disputa territorial internacional entre o Brasil e a Inglaterra.

Richard Schomburgk (1842)

Da mesma forma que Robert, seu irmão, realizou coletas botânicas e faunísticas na Guiana Britânica, tendo adentrado também no lado brasileiro pelos rios Tacutu, Cotingo e Surumu, além de excursionar pelas proximidades do Monte Roraima.

A. Wagner (1847/48)

Zoólogo interessado principalmente na mastologia (mamíferos) regional. Percorreu localidades adjacentes ao rio Branco. Não foi possível localizar o depósito do material coletado ou mesmo ter acesso às anotações de campo.

Alfred Russel Wallace (1851/52)

Existe um mapa do roteiro das viagens do naturalista inglês no livro "O Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira" (CUNHA, 1991:51) que demonstra uma pequena incursão ao rio Branco no ano de 1851. Entretanto, embora Wallace tenha se aventurado pelo rio Negro e tenha citado várias vezes sua passagem pela boca do rio Branco, este único indício não fornece dados conclusivos sobre sua entrada para observações no Branco (ver WALLACE, 1979:248). Contudo, não se deve descartar a possibilidade deste naturalista ter feito do baixo rio Branco um laboratório natural que o ajudou a ampliar a discussão sobre a origem e a evolução das espécies na Terra, juntamente com Bates e Darwin.

Richard Spruce (1851/54)

Naturalista, botânico profissional inglês, percorreu os limites do Brasil com a Venezuela no início da década de 1850. Os registros do livro de CUNHA (1991:54) indicam, através de um mapa, o percurso que Spruce tomou pelo rio Branco e afluentes. Seu principal interesse eram as plantas que poderiam ter valor industrial e/ou terapêutico e, por isso, se utilizou muito das informações sobre a farmacopéia indígena.

Gustav Wallis (1863)

Naturalista alemão que visitou a Serra Pacaraima e os rios Branco, Tacutu e Parima. Estava interessado principalmente na botânica e nos aspectos geográficos da região. Entretanto, em uma carta enviada à Domingos Ferreira Penna, seu amigo de Belém, ele também relatava algumas características básicas da economia regional e como os índios estavam inseridos nela. Textualmente, exaltava a exuberância dos campos naturais que guardavam numerosos exemplares de animais bovinos.

Expedição Thayer (1865/66)

Expedição científica chefiada pelo naturalista Jean Louis Rodolphe Agassiz (suíço naturalizado americano) e financiada por Nathaniel Thayer da Universidade de Harvard (Estados Unidos). Nos dois anos em que a expedição percorreu o Brasil, e em especial a Amazônia, um pequeno grupo integrado por Newton Dexter (ornitólogo) e Talisman, foi designado a realizar alguns levantamentos no rio Negro e no rio Branco. O material coletado foi depositado no "Museum of Comparative Zoology" (Cambridge).

João Barbosa Rodrigues (1871/74)

Naturalista brasileiro interessado em botânica, etnografia e zoologia, foi incumbido pelo Governo Imperial de explorar várias bacias hidrográficas secundárias das Províncias do Amazonas e do Pará. Em uma destas excursões, Barbosa Rodrigues percorreu o rio Jatapu (na divisa de Roraima com o Amazonas) identificando uma série de espécies vegetais, com especial interesse por orquídeas e palmeiras. Recentemente foi publicado um livro iconográfico que aborda parte de todo o trabalho de Barbosa Rodrigues no Brasil (ver BARBOSA RODRIGUES, 1996).

Francisco Xavier Lopes de Araújo (Barão de Parima) (1882)

Engenheiro militar responsável pela demarcação da fronteira entre Brasil e Venezuela. Integrou e chefiou a Comissão Mista dos dois países que resultou no relatório "Carta Geral das Fronteiras desde a Cabeceira Principal do Rio Memachi até o Maú" de 1884, entregue ao Ministro dos Estrangeiros do Império.

Henri-Anatole Coudreau (1884)

Geógrafo francês com especial interesse na América do Sul. Entre 1883 e 1885, a serviço do Ministério da Marinha e das Colônias Francesas, Coudreau percorreu grandes distâncias em companhia quase que exclusiva dos indígenas locais. Foi nesta incursão que se deparou pela primeira vez com os campos naturais do rio Branco, descrevendo-os e fazendo comentários sobre sua gente e as relações sociais de então. Coudreau aprendeu a se comunicar com os índios locais (principalmente os Wapichana) devido ter permanecido por cerca de 10 meses na Maloca da Malacacheta por causa de uma febre que o acometeu (provavelmente malária).

Everard Im Thurn e Harry Perkins (1884)

Ambos ingleses e funcionários da Coroa Britânica na Guiana. Foram um misto de etnólogos, botânicos e geólogos que lideraram a primeira escalada oficialmente registrada ao topo do Monte Roraima. Seu ponto de partida foi o rio Potaro (Guiana), contornando a Serra de Pacaraima (pelo lado venezuelano) e perfazendo a subida por uma trilha (pouco modificada) localizada na parede oeste deste tepui. Dos dois, destaca-se Im Thurn por ter feito ainda várias incursões à região limítrofe com o Brasil, o que lhe valeu conhecimentos sobre os povos locais e seu meio de vida.

Ermano Stradelli (1888)

Conde italiano que percorreu todo o rio Branco. Fez um relato histórico, geográfico e sócio-econômico da região e da situação em que ela se encontrava naquele momento. Não acrescentou novidades à "Questão do Pirara".

Brasil República

Esta fase das expedições demonstrou um Brasil extremamente nacionalista e preocupado em resguardar suas fronteiras e riquezas do extremo norte. A influência de Getúlio Vargas (em dois mandatos) e duas Grandes Guerras mundiais modelaram algumas das expedições para a Amazônia e em especial para as áreas fronteiriças. Aliado a estes fatos, a descoberta de jazidas diamantíferas e auríferas em Roraima na década de 1910, ajudou para que a maioria das incursões entre os anos de 1920 e 1950, fôsse relativa a descrição dos aspectos geográficos regionais com ênfase na distribuição dos recursos naturais minerais. Destacam-se nesta fase as expedições de Guerra, Ruellan e Ignácio de Oliveira. Além destes, vale destacar a expedição demarcatória de Rondon.

Apesar do sentimento nacionalista, as expedições de caráter científico afloraram em maior número. Mesmo com dificuldades no deslocamento até Boa Vista, o apoio local foi de grande importância para as incursões internas. Em geral, este apoio era dado por membros de famílias tradicionais locais ou através dos poderes públicos constituídos; ambos se confundindo enormemente nesta fase. Nomes importantes como os do etnógrafo Koch-Grünberg, do botânico Ule e do geógrafo Farabee, marcaram os primeiros anos de ciência no século XX. Seguiram-se a estes vários outros que, pela importância de sua obra, valem ser destacados como o naturalista Tate, os botânicos Ducke, Black, Aubréville e Prance e o liminólogo Sioli. Alguns deles oficialmente apoiados pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), que havia sido criado em 1954 e fazia parte dos planos de Getúlio em conhecer melhor a região para poder desenvolvê-la.

A Experiência Nacionalista

Sebastião Diniz (1893)

Fazendeiro do rio Branco e morador de Manaus, Diniz foi incumbido pelo governo do Amazonas de fazer uma estrada ligando Manaus à Boa Vista. A ligação terrestre serviria para abastecer de carne bovina a capital manauara. Mesmo completando a tarefa em 1895, Diniz remeteu uma carta ao governador do estado (Amazonas), fazendo sérias críticas aos vultuosos gastos com tal obra que, no final, não passava de uma trilha no meio da floresta sem nenhuma estrutura para abrigar o gado ao longo do percurso. Com razão, a estrada caiu no esquecimento

e os 816 marcos (1 por km) desapareceram com o tempo.

O. Thomas (1901)

Zoólogo interessado em quirópteros (morcegos). Em expedição pelo interior da Amazônia, percorreu os rios Branco e Mucajá, apontando estas localidades também como áreas de ocorrência de três novas espécies destes mamíferos voadores na América do Sul.

Alfredo Ernesto Jacques Ourique (1906)

Por ordem e companhia do governador do Amazonas (Constantino Nery), Ourique faz um relato geográfico e histórico do Vale do Rio Branco, descrevendo aspectos econômicos e sociais de toda a região para que pudesse servir de base na solução das questões de povoamento e progresso da região. Não foi a primeira viagem de Ourique. Ele já teria realizado uma em companhia da Comissão de Limites em 1882 e, em outra, teria se encontrado com Stradelli em 1888. Nesta expedição foi confeccionada uma extensa série de material fotográfico, documentado quase que na íntegra no livro "O Valle do Rio Branco" (OURIQUE, 1906) e, que acabou se transformando no primeiro grande acervo de imagens que demonstrava aspectos geográficos e traços da população local.

Ernest Heinrich Georg Ule (1908/09)

Botânico alemão que percorreu o rio Branco e localidades próximas das serras Grande, de Mucajá e do Murupu, alcançando mais tarde o Monte Roraima. Pertencia ao Jardim Botânico de Berlim, chegando a publicar artigos específicos sobre a flora desta região.

Theodor Koch-Grünberg (1911)

Etnólogo alemão preocupado com a geografia humana, percorreu toda a fronteira tríplice entre Venezuela, Brasil e Guiana, fazendo contribuições importantes no campo da antropologia. Desta viagem, resultou a obra "Von Roraima zum Orinoco" em 5 volumes editados em Berlim e, traduzido mais tarde para a língua espanhola em uma sequência de três volumes (ver KOCH-GRÜNBERG, 1979-1982). Neste documento existem extensas descrições culturais dos povos de toda esta área fronteira, abordando detalhes com extrema riqueza de informação, e que expressavam a real imagem do modo de vida dos indígenas da região. Boa documentação fotográfica foi feita e anexada na obra escrita. Além disto, um filme de curta duração (\pm 12 minutos) também foi realizado por Koch-Grünberg na região do Surumu, demonstrando diferentes tipos de atividades realizadas pelos índios locais (danças, trabalho, etc). Este pequeno documentário de 1911 é o primeiro registro cinematográfico abordando diferentes aspectos dos povos existentes no hoje Estado de Roraima (provavelmente um dos primeiros deste gênero em toda a América do Sul). Foi telecinado pela I.W.F. alemã.

J. D. Hasmann (1912)

Membro da "American Geographical Society", empreendeu esforços nos estudos sobre a geografia e a ictiofauna regionais. Suas explorações se deram nas proximidades da Serra da Lua e na fronteira com a Guiana.

João Geraldo Kuhlmann (1912)

Botânico brasileiro que percorreu a região integrando a comissão do

Serviço de Defesa da Borracha (Ministério da Agricultura). Fez coletas principalmente nas proximidades de Boa Vista. Kuhlmann ainda retornaria a esta região entre 1923/24 percorrendo mais intensamente as localidades de Boa Vista, Vista Alegre e as Cachoeiras do Bem-Querer.

M. P. Anderson (1912)

Ornitólogo americano, Anderson fez observações nos arredores de Boa Vista, percorrendo também localidades próximas como as serras da Lua e Grande. Além disto, visitou parte das regiões de montanhas, destacando-se a Serra do Sol. Estava à serviço do Museu de Filadélfia.

William Curtis Farabee (1913)

Geógrafo, chegou a Boa Vista e fez diversas explorações pela região. A principal delas foi aquela em que se aventurou a transpor o furo Maracá na tentativa de encontrar o furo Santa Rosa, pelo rio Uraricoera. Ele não acreditava que pudessem estar ligados formando uma ilha por falhas da estrutura geológica (Ilha de Maracá). Fez várias descrições sobre as etnias locais, principalmente aquelas localizadas na região dos campos gerais de Roraima.

Carlos Chagas (1913)

Fez parte da equipe de Oswaldo Cruz. Integrou a Comissão que avaliou as condições médico-sanitárias das bacias do rios Negro e Branco, percorrendo este último até a altura de Vista Alegre, próximo de Caracará. Constataram enorme incidência de doenças parasitárias mas, a que chamou mais a atenção foi a malária.

Cecil Clementi (1915)

Exploradora sem expressão científica que realizou uma viagem ao Monte Roraima partindo da antiga Guiana Inglesa. Seu interesse maior era no comércio de pedras preciosas. Publicou seus relatos com detalhamento superficial sobre a paisagem e seus moradores em 1916. Possui excelente material fotográfico.

Luciano Pereira (1917)

Ex-deputado federal pelo estado do Amazonas. Pretendia conhecer mais de perto as "riquezas" do rio Branco. Veio a convite de Joaquim Gonçalves de Araújo (J. G. de Araújo) o maior fazendeiro e dono de terras no rio Branco na época. Fez relatos sobre a população local, meios de transporte, economia e ambiente. Tudo indica ser o primeiro texto a citar o termo "*lavrado*"² para denominar os campos de vegetação do tipo savana (cerrado), que cobrem a região nordeste de Roraima (ver PEREIRA, 1917:40).

Hamilton Rice (1924/25)

Membro da "American Geographical Society", se aliou a Universidade de Harvard e organizou sua 7ª Expedição à Amazônia, agora com destino ao Vale do Rio Branco. Seu objetivo era o de avaliar aspectos geográficos desta localidade amazônica devido aos antigos mapas sul-americanos apontarem esta região como ainda uma "área incógnita" (sem reconhecimento físico). Mesmo com apoio e

² É um termo introduzido, provavelmente por migrantes, ao final do século XIX e, amplamente utilizado pela população local desde este período.

orientação de um hidroavião, Rice levou semanas para tentar alcançar seu objetivo final (as nascentes o rio Parima), atravessando seguidamente trechos encachoeirados no alto rio Uraricoera. Sua expedição era extremamente diversificada, com diferentes tipos de investigações sendo realizadas. Segundo PINTO (1966), um trabalho de destaque foi o "Medical Report" de George C. Schattuck (membro da expedição), produzido pela Harvard Press em 1926. Foi nesta expedição que o etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg, conhecedor da região em sua segunda visita, veio a falecer de malária na localidade denominada como Vista Alegre, próximo de Caracarái (médio rio Branco). Extenso volume de material fotográfico (aéreo e terrestre) foi produzido nesta expedição (Fig. 3 e 4), além de um documentário filmado pelo brasileiro Silvino Santos ("*Em Busca do Eldorado*"). Este último foi editado posteriormente pela BBC de Londres (\pm 20 minutos) demonstrando aspectos da dificuldade da viagem e da população local (índios e moradores de Boa Vista). Este é o segundo documento telecinado mais antigo de Roraima.

Avelino Ignácio de Oliveira (1924/25)

Geólogo que integrou a comitiva de Hamilton Rice como contra-partida brasileira na expedição. Sua preocupação estava voltada para descrições fisiográficas, correlacionando-as com ocorrências de rochas e minerais. Nesta empreitada, mais tarde recebeu a ajuda de Glycon de Paiva que tratou da identificação e análise de parte do material coletado na região. A principal publicação está resumida em "Bacia do Rio Branco" de 1929, quando pela primeira vez adotou-se o nome de Formação Boa Vista para a região geomorfológica das áreas abertas que cobrem o nordeste de Roraima.

Cândido Mariano da Silva Rondon (1927/28)

Rondon e sua equipe inspecionaram as fronteiras nacionais na parte setentrional do Brasil. Percorreu diversas malocas indígenas e diferentes cursos fluviais que o faziam exaltar a exuberância do local. Embora a princípio não tenha havido interesse em coletas científicas, apoiou alguns integrantes de sua equipe. Além de Paiva e Luetzelburg (citados a seguir), um anônimo de seu grupo depositou 54 espécies de aves no acervo ornitológico do Museu Nacional, que foram posteriormente estudados por Miranda Ribeiro.

G. H. H. Tate (1927/28)

Naturalista do Museu Americano de História Natural que integrou a Expedição de Lee Garnett ao Monte Roraima. Entrou pelo rio Branco até ultrapassar o rio Miang, de onde iniciou a subida ao Roraima. Durante todo o percurso, o grupo fez diversas anotações científicas e coletou diferentes espécies de plantas e animais, compartilhando a idéia da grande variedade de vida nesta região. Foi Tate que deu início ao questionamento sobre a existência de uma possível zona biogeográfica de vida nesta região, caracterizada por relevos tabulares. Após encontrar e receber ajuda de Rondon, finalizou a expedição cortando o alto rio Maú até a Guiana Inglesa.

Phillip Freiherr von Luetzelburg (1928)

Integrou a expedição de Rondon, percorrendo os rios Branco, Uraricoera e Tacutu, alcançando por fim o Monte Roraima. Seu interesse principal era a coleta da flora amazônica.

Glycon de Paiva (1928)

Geólogo da Comissão de Inspeção de Fronteiras liderada por Rondon. Descreveu cortes geológicos realizados na Formação Roraima que compõe as fronteiras entre Brasil, Venezuela e Guiana. Colaborou também com Ignácio de Oliveira na descrição de diversos materiais triados pelo colega anos antes na expedição de Rice.

Desmond Holdridge (1931)

Naturalista do Museu do Brooklyn. Percorreu três grandes tributários da Serra Parima: os rios Catrimani, Demini e Aracá. Suas observações e detalhamentos geográficos foram descritos no trabalho "Exploration between the rio Branco and the Serra Parima" de 1933, resultando em um mapa que, apesar das dificuldades da época, indicava coerentemente a topografia e a localização dos principais cursos d'água e relevos desta região de Roraima.

Carlos Lako (1931/32)

Reuniu um pequeno número de peles de aves do rio Catrimani e em seguida as depositou no Museu Nacional.

Adolpho Ducke (1933, 1937 e 1943)

Ducke foi um botânico altamente qualificado que teve seu início de carreira no Museu Paraense Emílio Goeldi terminando-a no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Esteve por três oportunidades no Vale do Rio Branco. A primeira, em 1933, realizou coletas aos arredores em Caracará. Em 1937, Ducke percorreu o rio Branco, regiões próximas à cidade de Boa Vista, serras Grande e do Murupuzinho e a Fazenda Nova Olinda. Nesta oportunidade Ducke se encontrava à serviço da Comissão Demarcadora de Limites como adido botânico. Em sua última excursão (1943), Ducke foi à Boa Vista, Caracará, rio Cauamé e Fazenda São Marcos. Várias publicações sobre a Flora Neotrópica foram realizadas sob sua coordenação, sendo comum a citação de espécies coletadas em Roraima.

Alberto Pinkus e P. S. Peberdy (1938/39)

O primeiro colecionador profissional e o segundo do Museu Britânico, ambos interessados na avifauna. Atravessaram as cabeceiras do rio Cotingo até chegar no Monte Roraima, de onde puderam coletar e observar espécies novas para o Brasil.

Felix Cardona (1940/41)

Capitão da guarda venezuelana que percorreu a fronteira do Brasil com a Venezuela nas proximidades das cabeceiras do rio Uraricoera. Encontrou 4 espécies de aves até então não descritas em território brasileiro.

Harald Sioli (1941)

Liminólogo alemão do Instituto Max Planck que, na década de 1950, ingressou nos quadros funcionais do INPA contribuindo significativamente para estudos da física e da química da água dos rios da Amazônia. Em Roraima, o grupo de Sioli fez diversas medidas nos rios Branco e Cauamé, além dos igarapés da Mecejana, do Frasco, do Areial e Caxangá em Boa Vista. Também analisou amostras nos lagos dos campos de Roraima e nas fontes d'água da serra do

Murupu.

Instituto Evandro Chagas (1942/43)

Uma equipe do instituto percorreu, além de Boa Vista, diversas localidades às margens do rio Branco. Seu interesse era o da investigação de doenças vinculadas à entomologia médica.

Alexandre George Black (1951)

Botânico que percorreu diversas localidades da região como os rio Branco e Cauamé, e os igarapés Caranã e Caxangá na cidade de Boa Vista. Além destas, excursionou pelas Fazendas Bom Intento e São Marcos, serra do Cantá e um trecho da antiga estrada que ligava Boa Vista à Caracaráí.

Antônio Teixeira Guerra (1953/54)

Geógrafo brasileiro que contribuiu para um acúmulo significativo de dados históricos e geográficos sobre a região do rio Branco. Descreveu clima, vegetação, ocupação humana, etc. Se preocupou também com levantamentos sócio-econômicos que sempre foram dispersos na região. Seus estudos até hoje são base didática para grande parte dos que se interessam por geografia e história de Roraima.

Bassett Maguire (1954)

Botânico americano, Maguire foi diretor do New York Botanical Garden. Foi nesta fase que percorreu localidades próximas à Boa Vista, serra do Tepequém e rio Cotingo.

Francis Ruellan (1954/55)

Primeira expedição oficial do INPA à Roraima, então Território Federal do Rio Branco (1943). Nesta ocasião, Ruellan, professor das Universidades de Paris e do Rio de Janeiro, visava promover estudos básicos em geomorfologia que pudessem auxiliar na melhoria do conhecimento sobre as diferentes paisagens existentes na Amazônia. A síntese de seu trabalho, foi editada em "Expedições Geomorfológicas no Território do Rio Branco" em 1957. Nesta mesma excursão de estudos, a aluna de Ruellan, Yvonne Beigbeder, realizou um relevante trabalho sobre os processos de construção paisagística da Formação Boa Vista.

William A. Rodrigues (1954)

Pesquisador do INPA, participou da primeira excursão oficial do instituto ao hoje estado de Roraima, integrando a expedição junto com Francis Ruellan. Percorreu as localidades de Boa Vista, Normandia, Pedra Branca, Maturuca, rios Uailã, Cotingo e Surumu. A partir desta excursão e, somando coletas nas proximidades de Manaus, iniciou o acervo do Herbário do INPA. Em novas viagens excursionou pelo Taiano e a Fazenda Florestal. Esta última em companhia de Aubréville em 1958.

Renato de Siqueira Jaccoud (1954)

Da mesma forma que Rodrigues, integrou a expedição oficial de Ruellan, participando de incursões botânicas às regiões de Normandia e Socó.

Aida Ostroff Ferreira de Barros (1955)

Integrou um grupo de geomorfólogos que realizou diversos levantamentos nas bacias dos rios Cotingo e Surumu.

Otávio Barbosa e José Raymundo de Andrade Ramos (1955/56)

Ambos geólogos, o primeiro consultor da PROSPEC e o segundo da Divisão de Geologia e Mineralogia (DGM), designados pela própria DGM em promover pesquisas de reconhecimento mais detalhado na bacia do rio Branco. Estes estudos estavam dentro dos pressupostos da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVA) em promover parte do desenvolvimento econômico da região através da atividade mineral. Além das viagens de campo, levaram em consideração fotografias aéreas do tipo "trimetrogon", conseguidas de um levantamento bi-partíde (americano e brasileiro) realizado em 1943 em parte no então Território Federal do Rio Branco.

José Hidasí (1956)

Naturalista do Museu Nacional que em julho de 1956 excursionou através do rio Surumu e serra Parima, rendendo 20 novos exemplares para a avifauna local.

André Aubréville (1958)

Botânico francês muito ligado ao INPA. Percorreu a região do Taiano e a cidade de Boa Vista em companhia de William Rodrigues.

Cory T. de Carvalho (1959)

Originário do Museu Paraense Emílio Goeldi, Cory percorreu a região do rio Branco entre fevereiro/março de 1959, interessado em reconhecer e coletar principalmente a fauna de mamíferos.

Masayuki Takeuchi (1959)

Botânico da Universidade de Tóquio e pesquisador do INPA, Takeuchi se preocupou em descrever a estrutura das áreas abertas de Roraima (lavrado). Percorreu diversas localidades entre os rios Parimé, Uraricoera, Branco e Tacutu.

Willian H. Phelps e filho (1961)

Ornitólogo interessado na avifauna venezuelana e, que conheceu como poucos este grupo principalmente na região dos tepui, situada entre Brasil, Venezuela e Guiana. Determinou 49 novas espécies de aves para a avifauna brasileira em uma incursão no início dos anos 1960, com seu filho, nas proximidades da Serra do Sol.

Olivério M. de Oliveira Pinto (1962)

Com auxílio do INPA, por intermédio do então Diretor Djalma Batista, o ornitólogo Olivério Pinto percorreu parte do rio Branco e adentrou no rio Mucajaí para que pudesse verificar a avifauna deste tributário do Branco. Determinou 250 espécies, sendo que, naquele momento, pelo menos 61 eram novas descrições para a região. Em sua publicação (PINTO, 1966), Olivério Pinto também faz um breve relato de algumas expedições científicas que passaram por Roraima.

José Américo Lima (1962)

Botânico que excursionou pelos arredores de Boa Vista.

Ezechias P. Heringer (1965)

Botânico que percorreu a região do Tingui.

Enrique Forero (1967)

Foi diretor do New York Botanical Garden e, estava interessado principalmente na flora do Monte Roraima.

Ghillean Tolmie Prance (1967-1969)

Botânico extremamente ligado ao INPA. Percorreu arredores da cidade de Boa Vista e, as localidades da serra da Lua, Surucucus, Tepequém, Auaris, além dos rios Branco, Mucajaí, Apiaú e Uraricoera. Prance integrou o projeto "Plants of Brazilian Amazonia", que originou uma expedição para Roraima. Foi também um dos defensores da Teoria dos Refúgios Florestais, igualmente encabeçada por J. Haffer, P. E. Vanzolini e K. Brown. Atualmente exerce a função de diretor do Royal Botanic Gardens (Inglaterra).

Deste momento em diante, iniciou-se um outro ciclo de expedições e atividades científicas em Roraima, diferentes daquelas definidas neste trabalho. Vale destacar o Projeto RADAMBRASIL (1972-74), uma maior intensificação das atividades do INPA através do estabelecimento de um núcleo em Boa Vista (1984-85), o Projeto Maracá - um estudo multidisciplinar envolvendo o INPA e a Royal Geographic Society na Estação Ecológica de Maracá (1987-89) e, a criação da Universidade Federal de Roraima (1990). O último, uma tentativa de conjugar as necessidades da população local com o poder que a ciência possui em promover o desenvolvimento regional.

Considerações Finais

O nível de interesse pelo conhecimento da região do Vale do Rio Branco está (até hoje) intimamente ligado à posse e ao uso da terra que, por sua vez, se atrela ao estoque de riqueza dos recursos naturais e ao modo de vida dos povos tradicionais locais. Este interesse foi descrito por diferentes fontes de naturalistas e exploradores e, utilizado de variadas formas como modo de assegurar a posse desta região. Estes ensaios de vivências e visões passadas devem ser subsídio para que tomadores de decisão da atualidade primem pelo respeito às diferenças culturais e ao correto uso (sustentado) dos recursos naturais locais. Além disto, tais ensinamentos pretéritos, devem ser parte integrante das discussões sobre a atual formação histórico-cultural da população local, como forma de resgatar um sentimento de ligação íntima desta nova geração humana em Roraima que esta se formando a partir de um forte processo migratório ocorrido nas últimas duas décadas.

Bibliografia (Citada e Consultada)

Acuña, C. (1641). Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas. In: C. Melo-Leitão (trad.), Descobrimientos do Rio das Amazonas, Companhia Editora Nacional/Brasiliense, Vol. 203, 1941, pp. 125-294.

Adonias, I. (1963). A Cartografia da Região Amazônica. INPA, Rio de Janeiro (vol. I e

II).

Aguiar,B.D. (1944). Geografia Amazônica: Nas fronteiras do norte. Rev. Bras. Geografia 6(3): 327-348.

Aguiar,B.D. (1963). Trabalhos da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites - Primeira Divisão - Nas Fronteiras da Venezuela e Guiana Britânica e Neerlandeza, de 1930 a 1940. Separata dos Anais do 9º Congresso Brasileiro de Geografia, 1940. Rio de Janeiro. pp. 203-375.

Amoroso,M.R. & Farage,N. (1994). Relatos da Fronteira Amazônica no Século XVIII - Alexandre Rodrigues Ferreira e Henrique João Wilckens. NHII/USP & FAPESP, São Paulo. 134p.

Assis,A.A.; Paula,C.R.; Pinto,F.C.B.; Ramos,L.C. & Lima,M.F.C. (1987). Série Monográfica. I. Município de Boa Vista. TFR/SEC/DAC/DES. 124p.

Barata,F.J.R. (1846). Diário da Viagem à Colônia Holandesa de Surinam, feito pelo Porta-bandeira da Sétima Companhia do Regimento da Cidade do Pará, pelos Sertões e rios d'este Estado, em Diligência do Real Serviço. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Tomo VIII, pp. 1-53.

Barbosa,O. & Ramos, J.R.A. (1959). Território do Rio Branco (Aspectos Principais da Geomorfologia, da Geologia e das Possibilidades Mineraias de sua Zona Setentrional). Boletim nº 196 da Divisão de Geologia e Mineralogia. 46p + figuras.

Barbosa,R.I. (1992). Um Tepui no Ritmo da Destruição em Roraima. Ciência Hoje 14(81): 94-96.

Barbosa,R.I. (1993a). Ocupação Humana em Roraima. I . Do Histórico Colonial ao Início do Assentamento Dirigido. Bol. Mus. Par. Em. Goeldi (antrop.) 9(1): 123-144.

Barbosa,R.I. (1993b). Ocupação Humana em Roraima. II . Uma revisão do Equívoco da Recente Política de Desenvolvimento e o Crescimento Desordenado. Bol. Mus. Par. Em. Goeldi (antrop.) 9(2): 177-197.

Barbosa Rodrigues,J. (1875). Enumeratio Palmarum Novarum.

Barbosa Rodrigues,J. (1885). Rio Jauapery - Pacificação dos Crichanás. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

Barbosa Rodrigues,J. (1903). Sertum Palmarum Brasiliensium. Bruxelas.

Barbosa Rodrigues,J. (1996). Iconographie des Orchidées du Brésil. In: S. Sprunger, P. Cribb & A. Toscano de Brito (eds.). Basiléia, Suíça. 700p. (Re-edição).

Beigbeder,Y. (1959). La région moyenne du Haut Rio Branco (Brésil). Trav. et Mém. Inst. des Hautes Etudes de l'Amérique Latine nº 10, Paris.

Berredo,B.P. (1749). Annaes Históricos do Estado do Maranhao, em que se dá Notícia de seu Descobrimto e tudo o mais que Nelle tem Succedido desde o Ano em que foy Descoberto até 1718, Lisboa.

Caldas,J.P. & D'Almada,M.L. (1775). Exame das vertentes que da Serra Pacaraima correm para o Rio Branco e das que vão ao Orinoco e reconhecimento do caminho que através dela trouxeram os espanhóis que fundaram Santa Rosa e Caya-Caya, destruídos em 1775. Original (DOC.F.), 1876. 16p. (Arquivos do Barão da Ponte Ribeiro).

CIDR (1989). Índios de Roraima (Makuxi, Taurepang, Ingarikó e Wapixana). Coleção Antropológica 1, Centro de Informação da Diocese de Roraima. 106p.

Clementi,C. (1916). A journey to the Summit of Mount Roraima. The Geographical Journal, Vol. XLVIII - july to december. pp. 456-473.

Costa e Souza,J.M. (1991). Historiografia Amazônica: Primeiras explorações na Amazônia - Comentário de Orellana a Pedro Teixeira. Bol. Mus. Integ. Roraima 1(2): 9-14.

Coudreau,H.A. (1887). La France Equinoxiale. II . Voyage à Travers les Guyanes et L'Amazonie. Paris.

Cruz,O.G. (1913). Relatório sobre as Condições Médico-sanitárias do Valle do Amazonas. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio / Superintendência da Defesa da Borracha. Rio de Janeiro. pp. 46-119.

Cunha,O.R. (1989). Talento e Atitude : Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi. J. Belém, MPEG. 160p.

Cunha,O.R. (1991). O Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. MPEG/CNPq/SCT, Belém. 84p + mapas.

D'Almada,M.G.L. (1861). Descrição Relativa ao Rio Branco e seu Território. Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Tomo XXIV, nº 4, pp. 617-683.

Diniz,S. (1895). A Zona do Amazonas : Estudo Sobre o Rio Branco. Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro 1/4 (10): 30-33.

Egler,W. & Cavalcante,P.B. (1963). Adolpho Ducke - Traços Biográficos, Viagens e Trabalhos. Bol. Mus. Par. Em. Goeldi Botânica nº 18. 129p.

Farabee,W.C. (1917). A Pionner in Amazonia, the Narrative of a Journey from Manaus to Georgetown. Bulletin of the Geographical Society of Philadelphia vol. XV. pp. 57-103.

Farage,N. (1991). As Muralhas dos Sertões - Os Povos Indígenas no Rio Branco e a Colonização. Paz e Terra/ANPOCS. 197p.

Ferreira,A.R. (1786). Diário do Rio Branco - Tratado Histórico do Rio Branco. Biblioteca Nacional (manuscrito), Rio de Janeiro.

Fontes,G.M.D.N.C. (1966). Alexandre Rodrigues Ferreira (Aspectos de sua Vida e Obra). Cadernos da Amazônia 10, CNPq/INPA. 96p.

Freitas,A.P. (1887). Limites com o Brazil com a Venezuela (Relatório do Barão de Parima). Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, Tomo III, 2º Boletim, pp. 6-94.

Guerra,A.T. (1957). Estudo Geográfico do Território do Rio Branco. IBGE/CNG. Rio de Janeiro. 251p.

Hemming,J. (1990). How Brazil acquired Roraima. The Hispanic American Historical Review 70(2): 295-326.

Holdridge,D. (1931). Notes on an exploratory journey in southeastern Venezuela. The Geographic Review 21: 373-378.

Holdridge,D. (1933). Exploration between the rio Branco and the Serra Parima. The Geographical Review 6(3): 327-348.

IBGE (1957a). Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Volume I (Boa Vista e Caracará). IBGE, Rio de Janeiro. pp. 350-387.

IBGE (1957b). Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Volume XIV (Boa Vista e Caracará). IBGE, Rio Janeiro. pp. 45-49.

Im Thurn,E.F. (1885). The Ascent of Mount Roraima. Proceedings of the Royal Geographic Society 7: 497-521.

Kock-Grünberg,T. (1979/82). Del Roraima al Orinoco. Vol. I, II e III, Caracas.

Lopes de Araújo,F.X. (1879-1884). Relatório apresentado ao Ilmo. Sr. Francisco de Carvalho Soares Brandão, Ministro e Secretário do Estado de Negócios Estrangeiros, pelo Tenente-coronel de Engenheiros Francisco X. L. de Araújo, chefe da Comissão de Limites entre o Império do Brasil e Venezuela nos anos de 1879-1884.

Melo-Leitão,C. (1941). Gaspar de Carvajal, Alonso Rojas e Cristobal de Acuña - Descobrimientos do Rio das Amazonas. Rio de Janeiro, Comp. Ed. Nacional. 294p.

Mendonça,M.C. (1963). A Amazônia na Era Pombalina - Correspondência Inédita do Governador e Capitão-General do Estado do Grão Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, 1751-59, 3 Vols., Inst. Hist. Geog. Bras., Rio de Janeiro.

MPEG (1989). Coletânea das Publicações do Museu Paraense Emílio Goeldi: 1894-1956. In: A.M. Oliveira; F.J.C. Silva & O.L. Resque (orgs.), Belém, MPEG/CNPq/SCT, 99p.

Novaes, F.C. (1965). Notas sobre Algumas Aves da Serra do Parima, Território de Roraima (Brasil). Bol. Mus. Par. Em. Goeldi 54: 1-10.

Oliveira, A.I. (1929). Bacia do Rio Barnco (Estado do Amazonas). Boletim do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil 37: 1-70.

Ourique, J. (1906). O Valle do Rio Branco. Manaus. Edição Oficial. 131p.

Paiva, G. (1939). Alto Rio Branco. Boletim do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil 99: 1-44.

Parima, Barão 1884 (1887). Limites do Brasil com a Venezuela. Rev. Soc. Geogr. Rio de Janeiro 3(2º Boletim): 6-94.

Pereira, L. (1917). O Rio Branco - Observações de Viagem. Imprensa Pública, Manaus. 68p.

Perkins, H.I. (1885). Notes on Journey to Mount Roraima. Proceedings of the Royal Geographic Society 7: 522-534.

Phelps, W.H. & Phelps, W.H. (1962). Cuarentinueve aves nuevas para la avifauna brasileña del Cerro Uei-Tepui (Cerro del Zol). Bol. Socied. Venezolana de Ciências Naturales 23(101):32-39.

Pinto, O.M.O. (1966). Estudo Crítico e Catálogo Remissivo das Aves do Território Federal de Roraima. Cadernos da Amazônia 8, CNPq/INPA, Manaus. 176p.

Rice, A.H. (1978). Exploração na Guiana Brasileira. São Paulo, EDUSP. 63p.

Rodrigues, J.B. (1885). Exploração dos Rio Urubú e Jatapu. Biblioteca Nacional (manuscrito). Rio de Janeiro.

Rodrigues, W.A. (1957). Lista dos Nomes Vernáculos da Flora do Território do Rio Branco. Publicação nº 8 (INPA/Botânica).

Rodrigues, W.A. (1963). Plantas dos Campos do Rio Branco (Território de Roraima). Anais do III Simpósio sobre Cerrado, pp. 180-193.

Rondon, C.M.S. (1927-28). Diário da inspeção de fronteiras realizadas pelo General Cândido Mariano da Silva Rondon (6 anexos). Ministério da Guerra, Inspeção de Fronteiras.

Rondon, C.M.S. (1953). Índios do Brasil do norte do rio Amazonas. Ministério da Agricultura, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Rio de Janeiro (Publicação 99). 370p.

Ruellan, F. (1957). Expedições Geomorfológicas no Território do Rio Branco. CNPq/INPA, Rio de Janeiro. 170p.

Sampaio, F.X.R. (1825). Diário de uma viagem em que visita, e correição das povoações da Capitania de São José do Rio Negro e fez o Ouvidor e Intendente Geral da Mesma, Francico Xavier Ribeiro de Sampaio, nos annos de 1774 e 1775, Lisboa.

Sampaio, F.X.R. <(1777) 1872>. Relação Geographica Histórica do Rio Branco da América Portuguesa. Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, segunda série, Tomo XIII, nº 18, pp. 200-273.

Santilli, P. (1989). Os Macuxi: História e Política no Século XX. Campinas, Universidade Estadual de Campinas. Dissertação de Mestrado. 162p.

Schattuck, G.C. (1926). Observation on the Rio Branco, the Uraricoera and Parima rivers. In: Medical Report of the 5th Hamilton Rice Expedition to the Amazon, Cambridge, Harvard University Press. pp. 261-283.

Serra, R.F.A. & Pontes, A.P.S. (1944). Documento Oficial - 1781. Revista Brasileira de Geografia 6(3): 84-90.

Schomburgk, R. (1840-44). Richard Schomburgk's Travels in British Guiana. In: W. E. Roth, "Daily Chronicle" Office, Georgetown, vol 1: 402p (1922) & vol 2: 443p (1923).

Schomburgk, R.H. (1835-39). Travels in Guiana and on the Orinoco During the Years 1835-39. In: W. E. Roth, "The Argosy" Co. Ltd., Georgetown, British Guiana. 202p (1931).

Shomburgk, R.H. (1840). Journey from Fort San Joaquim, on the Rio Branco, to Roraima, and thence by the Rivers Parima and Merewari to Esmeralda, on the Orinoco, in 1838-9. Journal of Royal Geographycal Society, London, Vol. X, pp. 191-247.

Silva, E.L.S. (1993). Inventário Preliminar das Espécies Arbóreas das Florestas dos Arredores de Boa Vista (Roraima) - Uma Abordagem Fitossociológica. Dissertação de Mestrado, INPA/FUA. Manaus. 194p.

Silva, E.L.S. (1997). A vegetação de Roraima. In: R. I. Barbosa, E. Ferreira & E. Castellón (eds.), Homem, Ambiente e Ecologia no Estado de Roraima. INPA/Manaus. (no prelo).

Silveira, I.M. & Gatti, M. (1988). Notas sobre a Ocupação de Roraima, Migração e Colonização. Bol. Mus. Par. Em. Goeldi (antrop.) 4(1): 43-64.

Sioli, H. (1957). Valores de pH de Águas Amazônicas. Bol. Mus. Par. Em. Goeldi (Geologia) 1 : 1-37.

Souza, J.M.C. (1991). Primeiras Explorações na Amazônia: Comentário Histórico de Orellana a Pedro Teixeira. Bol. Mus. Int. Roraima 1(2): 9-14.

Stradelli, E. (1889). Rio Branco. Bollettino della Società Geografica Italiana, marzo-aprile, Roma. 36p.

Takeuchi, M. (1960). A Estrutura da Vegetação na Amazônia. II . As Savanas do Norte da Amazônia. Bol. Mus. Par. Em. Goeldi (Botânica) nº 7.

Tate, G.H.H. (1930). Notes on the Mount Roraima Region. The Geographic Review 30: 52-69.

Thomas, O. (1911). Three new South American mammals. Ann. Mag. Nat. Hist. 8(7): 113-115.

Ule, E. (1913). Unter den Indianern am Rio Branco in Nordbrasilien. Zeitschrift fur Ethnologie XLV, pp. 278-298, Berlin.

Ule, E. (1915). Die vegetation der Roraima. Botanische Jarbücher 52(115): 49.

Viveiros, E. (1957). Inspeção de Fronteiras : Primeira Campanha (Guiana Francesa, Guiana Inglesa e sul da Venezuela). In: Rondon Conta sua Vida, Cooperativa Cultural. pp. 491-517.

Wallace, A.R. (1979). Viagens pelos Rio Amazonas e Negro. Ed. Universidade de São Paulo, São Paulo. 317 p.

Wallis, G. (1863). Carta de Gustav Wallis Dirigida a D. S. Ferreira Penna sobre o Rio Branco. Bol. Mus. Par. Hist. Nat. Eth., 3(1/4), 1902, pp. 88-94.

Waterton, C. (1825). Wandering in South America, the North-West of the United States, and the Antilles, in the years 1812, 1826, 1820 and 1824. With original intructions for the perfect preservation of birds. Cabinets of Natural History, Esp. London, J. Mawman.

Outras Fontes

1 - Brazil & Britsh Guiana Boundary - Anexos da Memória Inglesa (Question de la Frontière entre la Guyane Britannique et le Brésil, Annexes au Mémoire Présenté par le Gouvernement de Sa Majesté Britannique, 1903).

2 - Brazil & Britsh Guiana Boundary - Anexos da Memória Brasileira (Question des Limites Soumise a l'arbitrage de S. M. le roi d'Italie par le Brésil et la Grande-Bretagne - Annexes du Premier Mémoire du Brésil, 1903).